



**Instituto de Letras**

**Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**Licenciatura em Letras/Português**

**Monografia em Literatura**

**JORDANA MASCARENHAS DE OLIVEIRA**

0911071

***O ABAJUR LILÁS E A PROSTITUTA RESPEITOSA:  
UMA ABORDAGEM EXISTENCIALISTA***

<b>MENÇÃO</b>	
---------------	--

**PROF. DR. ANDRÉ LUÍS GOMES**

Brasília- DF

2º/2012

*O ABAJUR LILÁS E A PROSTITUTA RESPEITOSA:*  
UMA ABORDAGEM EXISTENCIALISTA

Jordana Mascarenhas de Oliveira<sup>1</sup>  
Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

**RESUMO:** Neste artigo, apresento considerações teóricas acerca das peças teatrais *O Abajur Lilás*, de Plínio Marcos de Barros, e *A Prostituta Respeitosa*, de Jean- Paul Sartre. O objetivo é analisar as questões existencialistas presentes nas obras, abordando, principalmente, os conceitos de má-fé, sadismo, moral e ética, apontando pontos convergentes, divergentes e aproximando os autores.

**ABSTRACT:** In this article, I come up with theoretical considerations about the plays *O Abajur Lilás*, by Plínio Marcos de Barros, e *A Prostituta Respeitosa*, by Jean-Paul Sartre. This article aims to analyze the existentialism issues of these works, addressing questions about bad faith, sadism, morals and ethics. It highlights both convergent and divergent points, correlating the authors.

**PALAVRAS-CHAVE:** marginalidade, existencialismo, teatro, Plínio Marcos, Jean-Paul Sartre.

**KEYWORDS:** marginality, existentialism, theater, Plínio Marcos, Jean-Paul Sartre.

O presente trabalho tem como foco a análise das obras *Le Putain Respeiteuse* (1946) de, Jean-Paul Sartre, e *O Abajur Lilás* (1969) de, Plínio Marcos de Barros, aproximando os dois autores nos âmbitos cultural, social e político, apontando pontos convergentes e divergentes em suas obras, uma vez que existem muitas semelhanças no que tange à forma, à estética e à temática abordada. A escolha dos textos se deu a partir de uma pesquisa, ainda em andamento, sobre o existencialismo sartriano. O objetivo é, com base nessas pesquisas,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade de Brasília – UnB, Brasília-DF. Contato: [jmascarenhas27@gmail.com](mailto:jmascarenhas27@gmail.com).

abordar questões relacionadas ao ser, na relação com o outro, analisando também, o sadismo, a súplica, a moral, a má-fé, entre outros temas abordados pelo existencialismo.

Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo e escritor francês, foi um dos precursores do existencialismo ateu na França. Tem como principal obra filosófica o livro *L'Être et le Neant* (traduzido para o português como *O Ser e o Nada*) escrito em 1943. No livro, Sartre fundamenta a estrutura da consciência humana, destacando características que definem o ser humano e a sua liberdade. Traz as manifestações do homem enquanto ser, enquanto consciência e a sua relação com o mundo objetivo.

Para o filósofo, a existência precede a essência, um de seus conceitos base onde firmou a teoria existencialista de que o ser é pleno, é “em-si” e a essência é “para-si”; ou seja, o que o homem acredita ser está calcado na aparência. Além dos conceitos acima, aborda, também, o nada, que consiste em o homem estar livre e sozinho no mundo e precisar construir, a partir do nada de seu ser, sua existência. *O Ser e o Nada* condensa toda a primeira parte de seus estudos filosóficos, estudos esses que já vinham sendo desenvolvidos desde os ensaios *La Transcendence de l'Égo* (1936) e *L'Imagination* (1935), ensaios escritos por ele antes da publicação do livro.

Sartre foi um intelectual de intensa participação política, social e cultural, principalmente na Segunda Guerra Mundial, onde serviu e foi preso pelos Alemães em 1940. Na década seguinte, toma posicionamento político mais atuante, unindo-se ao comunismo e aproximando-se dos ideais marxistas. A partir daí, inicia-se a segunda parte dos seus estudos filosóficos, quando tenta conciliar o existencialismo ao comunismo e escreve *La Critique de la raison dialectique* (1960), em que defendia que as forças socioeconômicas tem o poder de modelar nossas vidas.

Assim como Sartre, Plínio Marcos, “o profeta do apocalipse atual”, como diz Ilka Marinho Zanotto, também foi engajado politicamente. Seus textos se destacavam pelo protesto e denúncia às formas de organização social, trazendo em seus textos um crescente de violência, abordando o universo da prostituição e crimes permeados por uma série de humilhações, relações de poder e vinganças sem pensar em meios e consequências. Seus personagens carregam a compulsividade e a obsessão pela sobrevivência. Com diálogos crus e cores sombrias, os textos contam as histórias da vida de marginalizados, esquecidos socialmente. Décio de Almeida Prado diz:

Plínio Marcos é mestre dessas sugestões psicológicas que não se aclaram totalmente – talvez nem mesmo para o autor. O seu diálogo comporta sempre

dois planos: o das palavras, simples, elementar, de acordo com o nível mental das personagens; e dos sentimentos, das relações inexpressas, que, ao contrário, é bastante sutil e complexo. O interesse teatral está na correlação entre esses dois planos, naquilo que poderíamos chamar de transparência dramática: a capacidade de revelar o pensamento que não chega a ser articulado pelo diálogo.<sup>2</sup> (PRADO *apud* ZANOTTO: 2003. Aba)

Plínio Marcos nasceu em Santos/SP, em 1935. Trabalhou como palhaço de circo e em diversas companhias de teatro, foi ator, diretor e escritor. Em 1958, escreve sua primeira peça de teatro, *Barrela* (1958), inspirada em uma notícia de jornal. A peça foi proibida pela censura federal, assim como muitos de seus outros trabalhos: *Dois Perdidos Numa Noite Suja* (1966), *Navalha na Carne* (1967), *Abajur Lilás* (1969), entre outros. Suas obras traziam o universo do submundo, através de mendigos, prostitutas, delinquentes, e cafetões, personagens quase que invariavelmente utilizados pelo autor, movidos pelo cinismo e pelo ódio em um ciclo de destruição e dominação.

Tanto Plínio Marcos como Sartre se aproximam muito nas obras trabalhadas, não somente em aspectos temáticos, uma vez que os dois textos abordam temas como a prostituição, opressão, relações de poder e denúncias sociais, mas também em aspectos formais e estéticos do texto: os espaços são micro. Tudo acontece nos quartos onde as personagens trabalham e dormem.

Tanto na peça de Sartre quanto na de Plínio Marcos, os personagens não são definidos fisicamente, a não ser em *Le Putain Respeteuse*, que, por abordar questões raciais, um dos personagens é tratado como negro, mas ainda assim não conseguimos saber detalhes da aparência física - se são altos, baixos, gordos ou magros -.

Os autores se distanciam na linguagem utilizada, pois Sartre utiliza uma linguagem mais rebuscada, que dá certa sutileza e sobriedade à obra, diferente de Plínio com sua “linguagem da rua”, repleta de gírias e palavrões dando ao texto um tom mais grotesco. Diríamos, “um “erudito” e um “maldito”; mas que guardam, pensamos, entre si, características em comum, pois foram grandes pensadores da cultura e dramaturgos de vanguarda, expondo o luxo e o lixo da condição humana.”<sup>3</sup> Ainda assim, podemos encontrar muito da marginalização de Plínio em Sartre e muito do existencialismo sartriano em Plínio. Sobre isso, Helciclever Barros defende:

<sup>2</sup> Citação de Décio de Almeida Prado retirada da aba da obra: MARCOS. Plínio. *Melhor Teatro – Plínio Marcos*. Seleção e Prefácio de Ilka Marinho Zanotto. São Paulo: Global, 2003. [Coleção Melhor Teatro].

<sup>3</sup> BARROS, Helciclever. *Navalha na carne entre quatro paredes: imagens espetaculares e infernais*. 2012. 224f. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade de Brasília – UNB. Instituto de Letras. 2012. p. 14.

Plínio seria uma espécie de reflexo, ou pelo menos um tipo de refração latino-americana do existencialismo francês, um duplo marcado pela conjuntura local tupiniquim, calcada na dimensão do submundo das prostitutas caftens do litoral santista, mundo muito bem conhecido e dominado pelo dramaturgo, que, de certo modo, arriscaríamos dizer, foi um existencialista sem ter consciência disto e que pôs em prática esta vertente filosófica na constituição dos personagens [...], pois ele deu plena existência a turma dos “esquecidos”, de “relegados” e, assim, colocou sob a responsabilidade deles os destinos últimos de suas histórias, suas liberdades e suas masmorras existenciais (2012. p. 18).

A obra de Jean-Paul Sartre, *Le Putain Respeiteuse*, traduzida para o português como *A Prostituta Respeitosa*, foi escrita pelo filósofo francês em 1946 e ficou muito conhecida pela questão racial abordada pelo autor. No livro, a prostituta Lizzie se encontra diante de um problema racial, no sul dos Estados Unidos, onde um negro é acusado injustamente de ter matado um homem e a personagem acaba se tornando a única testemunha do crime. Tudo acontece quando Lizzie pega um trem para viajar até o sul dos Estados Unidos. Quatro homens brancos entram no trem, um deles é Fred, filho do senador Clarke. Os homens tentam violentá-la e atirar para fora do vagão dois homens negros. Os negros reagem e um deles acerta, com um soco, o rosto de um dos rapazes, que saca um revólver e atira, atingindo e matando o negro. A culpa recai sobre o outro e cabe a Lizzie entregá-lo ou não.

Toda a trama se passa dentro do quarto de Lizzie, onde ela manteve relação com Fred. A personagem está no quarto com Fred, quando entram os policiais John e James, querendo saber o que realmente aconteceu naquela noite, mas a tratam de maneira violenta, rude e não conseguem o que querem: os relatos a favor do branco. Thomas foi quem matou o negro, é oficial do exército, “cem por cento americano”, descendente de uma das famílias mais antigas, estudou em Harvard e emprega dois mil operários em sua fábrica. Ao contrário, o negro, chamado assim mesmo na obra, não tem valor. O senador entra questionando o comportamento agressivo dos policiais. Este se mostra muito gentil e utiliza o poder persuasivo de sua linguagem para convencer Lizzie a assinar o documento incriminando o negro. Ela, mesmo sendo contra, sede, depois arrepende-se, mas o negro já seria condenado à morte.

Em *O Abajur Lilás*, de Plínio Marcos, escrita em 1969, aborda-se a realidade na cidade de São Paulo, palco para o universo de marginalizados. Em um “mocó”, onde moram as prostitutas Dilma, Celinha e Leninha, se passa toda a história. Dilma é mais antiga no local e tem um filho para criar, como ela repete incontáveis vezes no decorrer da trama, mas que não mora com ela no prostíbulo. Tudo começa com Giro, o cafetão, homossexual, entrando no

quarto para cobrar que Dilma trabalhe muito mais e para perguntar sobre uma possível doença das prostitutas.

No início da trama o quarto é ocupado apenas por Dilma e Celinha. Dilma é honesta, já Celinha quer matar Giro para ficar com o mocó e exige que Dilma a ajude. A personagem não compactua com a ideia e, por isso, Célia quebra o abajur do quarto onde trabalham e dormem. Giro vê o abajur quebrado e pergunta quem quebrou o objeto, pois vai cobrar o dinheiro de quem o fez. Célia não se acusa e Dilma não a entrega. Então, Giro ameaça tirar o dinheiro de Dilma se ela não entregar quem quebrou o abajur ou cobrar o valor de dois abajures. A personagem se irrita, uma vez que todo o dinheiro que ganha vai para seu filho e acha injusto ser punida pelo que não fez.

Célia garante a Dilma que não vai se entregar, afirma que tem um plano e exige que Dilma o aceite. As personagens discutem, Giro entra no quarto e escuta o plano de Célia. Giro é protegido por Osvaldo, seu segurança, forte e impotente, sexualmente. O conflito do abajur permeia por muito tempo o espetáculo, até que Osvaldo entra no mocó e quebra vários outros objetos para incriminar as prostitutas. Giro, ao ver tudo quebrado, tortura as meninas para que elas digam quem foi. Nesse momento, Leninha já estava trabalhando no prostíbulo. Dilma não aguenta as torturas de Osvaldo e desmaia, mas não diz quem foi mesmo achando que havia sido Célia. Giro ordena que Osvaldo torture Leninha, que acusa Célia para se salvar das agressões. A personagem começa a pedir desculpas e promete pagar tudo, enquanto Giro, friamente, saca um revólver e mata Célia à queima roupa; depois exige que as outras voltem ao trabalho.

Seguiremos agora para uma análise mais detida dos textos. Comparando as duas obras, podemos observar equivalência entre as personagens principais, Dilma e Lizzie. Não apenas por serem prostitutas, mas por compartilharem de semelhantes aspectos morais e éticos. Da mesma forma, podemos comparar as personagens Giro e o Senador, detentores do poder, da supremacia da linguagem e opressores, também Osvaldo e Fred, torturadores e sádicos.

O conceito de má-fé aparece pela primeira vez na teoria sartriana no livro *O Ser e o Nada* (1943). Segundo Fábio Caprio, Sartre já iniciava em seu ensaio *A Transcendência do Ego*, anterior ao livro, o que ele chama de ideia embrionária da má-fé, onde Sartre traz a questão da consciência que constitui seus estados e o Ego reflexivo:

Nessa passagem, porém, o filósofo reconhecia a possibilidade de a consciência projetar a sua própria espontaneidade no objeto Ego para lhe conferir um poder criador. Todavia, essa espontaneidade, representada e hipotasiada no objeto, torna-se bastarda e degradada, na medida em que conserva

magicamente a sua potência criadora mantendo-se passiva. Tal inversão de ordem constitutiva entre consciência e Ego é o que Sartre chamou de fuga. (2005. p. 67).

Para entendermos melhor a má-fé em Sartre, passaremos antes por alguns outros conceitos chave, junto aos quais estão calcados os pressupostos básicos para a compreensão do ser no mundo. Iniciaremos pelo entendimento do ser.

O ser em-si é o ser pleno<sup>4</sup> e não remete a si como consciência de si, uma vez que não tem dualidades e se esgota no que é. O mesmo é fechado em uma identidade perfeita Segundo Gerd Bornheim é plenamente indeterminado. Toda tentativa de determinação é um tiro no escuro<sup>5</sup>. Tornando-se determinado apenas quando exposto a um sujeito. De fato, o ser é opaco a si mesmo exatamente porque está pleno em si. Melhor dito, o ser é o que é<sup>6</sup>. Já o ser “para-si” define-se ao contrário, se tratando da consciência do homem sobre si que, para Sartre, se resume ao vazio, pois está voltada para si e não tem nada de substancial:

Por certo, em determinado sentido ela vive voltada para si própria – já por isso Sartre a designa com a expressão “para-si”; a consciência é para si por isso que aparece a si mesma. “A consciência nada tem de substancial, é pura “aparência”, no sentido de que só existe na medida em que aparece” (EN, p.23). Nessa perspectiva pode-se dizer que a consciência permanece presa a si, sem conseguir abandonar-se. (BORNHEIM, 2011. P. 38).

Como foi dito anteriormente, o ser “em-si” é a própria existência, o ser humano nunca será em-si, pois tem sua consciência voltada para si. O para-si é justamente essa consciência que está voltada para si, é o que eu acredito ser, o que construo e penso sobre mim. O “para-si” também está na imagem que o outro tem de mim, que segundo Sartre, não importa o quão íntimo sejamos do outro, nunca teremos acesso. Podemos considerar então que a consciência relaciona-se com o ser “em-si”, logo, a consciência relaciona-se a si e opõe-se a si mesma; desta forma, o “para-si” acaba por transformar-se em outro ser para o ser pleno. Essa relação é o que Sartre chama de nada. Segundo o autor:

A presença a si pressupõe que uma fissura impalpável deslizou pelo ser. Se o ser é presença a si significa que não é inteiramente si. A presença é uma degradação imediata da coincidência, pois pressupõe separação. Mas, se

<sup>4</sup> SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 122.

<sup>5</sup> BORNHEIM, Gerd. Sartre. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 36.

<sup>6</sup> SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 38.

indagamos agora que é ‘que o sujeito de si mesmo?’, seremos obrigados a admitir que é nada (1997, p. 126).

A nadificação do ser abre espaço para a má-fé. Refugiar-se do vazio, na má-fé pode ser uma solução para o nada do ser, pois, para Sartre, o homem está condenado a construir sua existência a partir de si mesmo, do nada de seu próprio. Assim, a má-fé aparece como fuga.

O ser humano é o ser por meio do qual as negatividades são desveladas no mundo, mas que, além disso, é capaz de tomar atitudes negativas frente a si mesmo.<sup>7</sup> Naquilo que Sartre chama de negatividade estão calcados os conceitos de má-fé, mentira, cinismo e ironia. O comportamento de má-fé se verifica na crença que se tem no que acredita que se é. Sartre diz, em *O Ser e o Nada*, que a má-fé, antes de tudo, é fé e crença, mas o ser humano ao crer toma consciência de crer; logo crer não é crer, a crença já nasce com impossibilidade de crença e a fé nunca é suficientemente fé.<sup>8</sup> Para Sartre, a má-fé consiste em fugir daquilo que não se pode fugir.<sup>9</sup>

Após o esclarecimento dos conceitos acima podemos iniciar uma análise das obras, abordando, em um primeiro momento, as questões relacionadas à má-fé e mentira, encontrada principalmente nos personagens Giro (*Abajur Lilás*) e no Senador (*Le Putain Respeiteuse*). Giro apresenta seu poder de maneira nefasta e não se condói com a dor das prostitutas que trabalham para ele, no que tange os aspectos morais, psicológicos e físicos. Suas agressões são direcionadas principalmente a personagem Dilma, fato que pode ser percebido nas primeiras falas do texto, quando a personagem, desanimada, conta o dinheiro do último programa, e Giro, entrando de supetão, reclama pela quantidade de homens com quem trabalhou na noite:

Giro – Queria te pegar no flagra!

Dilma – Essa que é a tua?

Giro – Sabia que ia te encontrar aí sentada como uma vaca prenha. Não quer mais nada. Estou na campana. Assim não dá pedal. Tu e a outra não querem porra nenhuma. Que merda! (2003. p. 174)

Em outra passagem, Giro tortura Dilma psicologicamente ofendendo o filho dela, único motivo pelo qual a personagem justifica estar viva e trabalhando naquele lugar.

<sup>7</sup> SARTRE Apud CAPRIO, Fabio. *Consequências morais do conceito de má-fé em Jean-Paul Sartre*. 2005. 243f. Dissertação (Mestrado em filosofia). PUC-RG. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2005. p. 73.

<sup>8</sup> BORNHEIM, Gerd. Sartre. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 52.

<sup>9</sup> SARTRE Apud *Id Ibidem*. 52.



Giro – Puta não devia ter filho.

Dilma – Sou mulher igual a qualquer uma. [...]

Giro – Onde? Onde ele está?

Dilma - Está bem cuidado.

Giro – Tu acha? Tomara que esteja. Ele é tão bonitinho. Só que filho de puta nunca está bem. Ninguém cria e cuida como a mãe. E putana não pode ficar de olho em cima. Aí é bronca. Os gorgotas se achegam e beliscam a criança. [...]

Dilma – Para com essa arrega, Giro! Pára, pelo amor de Deus!

Giro – Só estou falando. Disso eu entendo. Se eu não entender de viadagem vou entender do que? E filho de puta sempre vira veado. (Giro ri) [...]

Dilma – (*Emocionada*) Como tu é porco! Que é que tu ganha em me aporrinhar? Será que tu só sabe atucanar meio mundo? Já não chega a porra de vida que eu levo? Porque tu acha que eu me viro? Tu pensa que eu gosto desta merda? Não gosto nada. Dia e noite no batente. Encarando branco, preto, amarelo, tarado, bebão, brocha, nojentos, sujos o que vem. E eu aí, só enfurnando a bufunfa. Não vou a lugar nenhum. Não gasto uma puta de um tostão à toa. Só pra dar o que tem de melhor pro meu nenê. Pra dar uma vida de gente pra ele. Só por ele. Casa, comida, cuidados e tudo que só os bacanas têm. Os nenês não tem culpa dessa putaria que é o mundo e por isso eu vou virar o jogo e disso tu não duvida, tá?

Giro – Eu não duvido de nada. Só acho que tu devia faturar mais. Só isso. (2003. p. 188 – 190).

As partes citadas mostram a crueldade de Giro ao lidar com as outras personagens. A violência do personagem é crescente e vai aumentando até o ápice, quando, após torturar as prostitutas física e psicologicamente, ordena que Osvaldo mate uma delas (Célia) à queima roupa. Osvaldo descarrega o revólver, e Giro exige que Dilma e Leninha voltem a trabalhar. Giro é um sujeito ruim, mas a todo tempo acredita ser bom, fator que não está apenas em seu discurso. Podemos perceber na fala do personagem no momento em que quer que Dilma confesse quem quebrou o abajur:

Giro – [...] Diz, Dilminha. Sou teu amigo. Tu lembra daquela noite que tu estava gemendo e se torcendo de cólica? Eu te fiz um chá. Levantei da cama com aquele puta frio. Só pra te atender, lembra? Não estou alegando porra nenhuma. Não sou nenhum filho-da-puta. Fiz o que fiz de boa vontade. De coração. Sou teu amigo [...] Acho que foi a Célia. Ela que é tihosa. Ela que tem raiva de mim. Ela que teve peito de me encarar um dia. Foi ela. Eu devia ter mandado o Osvaldo trambicar essa cadela. Mas sou bom, perdoei [...]. (2003. p. 222)

Também ao fim do texto, após a execução:

Giro – Dilma, Leninha, não fiquem assim, queridas. Não seja mau, Osvaldo, solte as meninas. Eu quero ser amigo delas. Sempre quis. Ânimo. [...] (2003, p. 228)

A partir das falas de Giro, podemos inferir que no comportamento dele está presente a conduta de má-fé, pois o personagem mente para si mesmo, na tentativa de esconder de seu ser a verdade. Por vezes o personagem age de forma cínica, mas acaba acreditando na mentira que conta a si mesmo, mesmo diante da presença do outro. A possibilidade do ser de acreditar no seu próprio cinismo a ponto de transformá-lo em má-fé é denominada por Sartre de “aspectos bastardos da mentira”:

Se o sujeito tenta deliberadamente e cnicamente mentir a si, então o processo de má-fé fracassaria logo porque a mentira recuaria diante do olhar. (Todavia, é importante que para o próprio filósofo há intermediários entre a mentira e a má-fé, aquilo que ele chama de aspectos bastardos da mentira, em que o sujeito mesmo se persuade um pouco daquilo que diz cnicamente ao outro. Ou seja, o sujeito ao representar um determinada mentira, ele mesmo pode se persuadir dela, mesmo com o olhar do outro e de si mesmo voltados em sua direção). (SARTRE, apud CAPRIO, p. 75).

Analisemos os mesmos aspectos em *Le Putain Respeteuse*. Clarke, o senador, em muito se assemelha ao personagem Giro: ambos são opressores, detentores do poder e manipuladores. A forma de manipulação dos personagens se diferencia, uma vez que Giro utiliza mais da força e das influências que tem e o senador utiliza como meio de opressão a linguagem, tentando persuadir a prostituta Lizzie de uma forma muito sutil.

A conduta de má-fé em Clark está relacionada ao fato de acreditar estar tomando a atitude correta ao tentar incriminar um inocente por puro racismo, tema que permeia toda a obra, onde Sartre critica a forma como os negros eram vistos e tratados no sul dos Estados Unidos. Caprio diz:

Sartre denunciara a má-fé do branco do sul dos Estados Unidos quando ele toma por absolutas as qualidades do negro, num apêndice aos “Cadernos por uma Moral”. São encarados como sub-homens, cujo caráter absoluto é de não saber ler, possuem uma natureza inferior meio-condenada. Nos Estados Unidos do sul a lei proibia a instrução dos negros. (2005. p. 161)

Na peça, Clark tenta persuadir Lizzie e apresenta argumentos pelos quais ela deve entregar o negro para a polícia e salvar Thomas, ainda que ele seja culpado. Na passagem fica clara a conduta de má-fé do personagem.

Senador – Como é que eu posso lhe explicar? Veja bem: imaginemos que a Nação americana lhe aparecesse de repente. Que é que ela lhe diria?  
Lizzie – Suponho que ela não teria lá grande coisa para me dizer. [...]

Senador – Então, ela tem muito para lhe dizer. Ela diria: “Lizzie, chegou a hora de escolher entre dois dos meus filhos. É preciso que um ou outro desapareça. Que é que se faz num caso assim? Fica-se com o melhor. Pois bem, vamos ver qual é o melhor. Você quer?” [...]

Senador – Estou falando em nome dela. (*Retomando*) “Lizzie, para que serve o negro que você está protegendo? Ele nasceu ao acaso, sabe Deus onde. Eu o alimentei, e o que é que ele me dá em troca? Absolutamente nada, ele vai tocando a vida, furta, canta, compra ternos rosa e verde. É meu filho e eu o amo igual a meus outros filhos. Mas pergunto a você: ele leva a vida de homem? Eu nem sequer perceberia a sua morte.

Lizzie – Como o senhor fala bem!

Senador – “O outro, ao contrário, esse Thomas, matou um preto, e isso não está certo. Porém tenho necessidade dele. É cem por cento americano, descendente de uma de nossas famílias mais antigas, fez seus estudos em Havard, é um oficial – preciso de oficiais -, emprega dois mil operários em sua fábrica – haverá dois mil desempregados se ele vier a morrer -, é um chefe, uma sólida muralha contra o comunismo, o sindicalismo e os judeus. Ele tem o dever de viver, e você, o dever de conservar-lhe a vida. Isso é tudo. Agora, escolha”.

Lizzie – Como o senhor fala bem.

Senador – Escolha! (2004, p. 98-100)

Além da má-fé, está presente no comportamento de Clark a mentira. É consciente de suas atitudes para persuadir Lizzie a entregar o personagem negro. O personagem mente, mas não acredita em suas próprias mentiras, não mente para si, mente para o outro, o que não caracteriza somente uma conduta de má-fé. No trecho abaixo o Senador mente para Lizzie sobre a mãe de Thomas:

Senador – Muito bem, já fizemos as apresentações. (*Olha para Lizzie.*) Então é esta a tal mocinha. Parece muito simpática.

Fred – Ela não quer assinar.

Senador – E tem toda razão! Vocês vão entrando na casa dela sem ter direito a isso. (*Sobre um gesto de John, com força*) Sem ter o menor direito, vocês a brutalizam e querem fazê-la falar contra a sua consciência. Estas não são maneiras americanas. O negro estuprou você minha, filha?

Lizzie – Não.

Senador – Perfeito. Isso fica claro. Olhe nos meus olhos. (*Olha para ela.*) Tenho certeza de que não está mentindo. Pobre Mary! (*Aos outros*) Pois bem, rapazes, vamos. Não temos mais nada a fazer aqui. Só nos resta pedir desculpas à senhorita.

Lizzie – Quem é Mary?

Senador – Mary? É minha irmã, a mãe desse desafortunado Thomas<sup>10</sup>. Uma pobre velhinha que vai morrer por isso<sup>11</sup>. Adeus, minha filha. [...]

Lizzie – Lamento que a verdade... seja essa.

Senador – Nenhum de nós pode fazer nada a respeito e ninguém tem o direito de lhe pedir um falso testemunho. Não. Não pense mais nela.

Lizzie – Em quem?

<sup>10</sup> O verdadeiro assassino.

<sup>11</sup> Por Lizzie não assinar o documento incriminando o negro.

Senador – Na minha irmã. Você não estava pensando na minha irmã?

Lizzie – Estava.

Senador – Eu consigo ver claramente o que se passa com você, minha filha. Quer que eu diga o que anda pela sua cabeça? “Se eu assinasse, o senador iria ao encontro dela e diria: Lizzie Mac Kay é uma boa menina; é ela quem está lhe devolvendo o seu filho.” E ela sorria entre lágrimas e diria: “Lizzie Mac Kay? Jamais esquecerei esse nome”. “E quanto a mim, que não tenho família, que o destino baniu da sociedade, haveria uma velhinha muito simples que pensaria em mim lá na sua casa grande, haveria uma mãe americana que me adotaria de coração”. Pobre Lizzie, não pense mais nisso. (2004. p. 89-92).

“A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que - e isso muda tudo- na má-fé eu escondo a mentira de mim mesmo. Assim, não existe, nesse caso a dualidade do enganador e do enganado”<sup>12</sup>; logo os personagens Giro e o senador são equivalentes. O comportamento do senador é caracterizado também como mentira, conduta que foi diferenciada da má-fé por Sartre em *O Ser e o Nada*.

Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir. Admitamos que a mentira é uma atitude negativa. Mas a negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. A essência da mentira, de fato, implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. (1997 p. 93)

Partiremos em sequência para o estudo da má-fé e sadismo acerca dos personagens Osvaldo e Fred, personagens para os quais o sexo aparece sempre como castigo. Os personagens são opressores assim como Giro e Clark, mas apresentam-se extremamente violentos. Podemos considerar que Giro também tratava as prostitutas com violência e seu sadismo está calcado na relação de poder e dominação que exerce sobre as mesmas e sobre as ordens que dá a Osvaldo, porém nunca as agrediu fisicamente. A violência cometida por *Fred (A Prostituta Respeitosa)* e Osvaldo (*Abajur Lilás*) é física e gratuita, não tem motivo a não ser pelo prazer de ver o outro sofrer e se sentir superior, motivo que os caracterizam como sádicos, e a violência cometida por eles, como tortura. Para fim da análise dos seguintes personagens, encaminharemos nossa abordagem para o sadismo e a tortura.

A tortura está diretamente atrelada ao sadismo. Sartre define o sadismo como sendo paixão, segura e obstinação<sup>13</sup>. Caracteriza-se como o desejo de subjugar o outro-objeto, mas não só enquanto objeto, também enquanto consciência encarnada, logo o sádico vai além de sua encarnação para apropriar-se da encarnação e da liberdade do outro. Para o autor:

<sup>12</sup> SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 94.

<sup>13</sup> Id Ibidem p.495

O sadismo é um esforço para encarnar o Outro pela violência, e essa encarnação “a força” já deve ser apropriação e utilização do outro. O sádico procura tal como o desejo – despir o Outro dos atos que o disfarçam. [...] Há, de fato uma encarnação pela dor. Mas, ao mesmo tempo, a dor é procurada por meio de *instrumentos*; o corpo do Para-si do torturador já nada mais é que um instrumento para provocar a dor. (1997. p. 496)

Eis porque o sádico irá exigir provas manifestas dessa servidão da liberdade do Outro pela carne: seu propósito será fazer com que ele peça perdão, obrigará o Outro a humilhar-se por meio da tortura e da ameaça, irá forçá-lo a renegar o que lhe é mais caro. Diz-se que assim é pelo apetite, pela vontade de poder. (1997. p. 500)

A má-fé do torturador está no seu sadismo. Ele tentará por meio da tortura fazer com que a liberdade de outrem se identifique com a sua própria carne. A obtenção da confissão, da renegação ou da humilhação soará como a sua vitória, de má-fé<sup>14</sup>. Observemos nos personagens os comportamentos sádicos ao qual nos referimos:

Fred – Você estava brincando! (*Vai até ela, acaricia-lhe suavemente os ombros e fecha as mãos em volta do pescoço dela.*) Você sempre deve ter vontade de brincar quando pensa ter enganado um homem. Eu esqueci a sua noite. Esqueci completamente. Consigo rever o dancing e só. O resto é você que lembra, só você. (*Aperta o pescoço dela.*)

Lizzie – Que é que você está fazendo?

Fred – Apertando o seu pescoço.

Lizzie – Está me machucando.

Fred – Só você. Se eu apertasse seu pescoço mais um pouquinho, não haveria ninguém no mundo para lembrar essa noite. (*Ele a solta.*) Quanto você quer? (2004, p. 40-41)

Fred é cruel, não só nas agressões físicas, mas na maneira de lidar com Lizzie. É possível perceber a conduta de má-fé do personagem que se coloca do lado do bem, quando chama de Demônios a prostituta e o negro:

Fred – Quem sabe? Você é o Demônio. O negro é o Demônio... (*Bruscamente*) E então? Ele quis te estuprar? (2004. p. 56)

Já em Abajur Lilás, Osvaldo quebra todo o “mocó”, quarto onde ficavam as prostitutas, sem ninguém saber, para que elas levem a culpa pelo acontecido, e conta a Giro: “Aí, eu entrei nessa merda e vi tudo quebrado. Tava escrachado que uma dessas vacas quebrou de sacanagem. Só pra te azedar a

<sup>14</sup> CAPRIO, Fabio. *Consequências morais do conceito de má-fé em Jean-Paul Sartre*. 2005. 243f. Dissertação (Mestrado em filosofia). PUC-RG. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2005. p. 158.

vida”<sup>15</sup>. O único motivo que o personagem tem para cometer tal atitude é porque sabia que Giro, ao encontrar tudo quebrado, ordenaria para que ele agredisse as meninas e, assim descobrir quem era culpada. A cena seguinte a essa é uma sessão de tortura com Dilma, Leninha e Célia amarradas a cadeiras e “Osvaldo está parado sem expressão nenhuma no rosto”<sup>16</sup>.

Dilma – Eu não sei se foi ela.  
 Giro – Eu sei.  
 Dilma – Então fala com ela, porra!  
 Giro - Acontece que eu quero escutar da tua boca.  
 Dilma – Eu não sei de nada.  
 Giro – Que pena que tu é mais amiga dela do que de mim. Que merda! Que merda! Que merda! (*Pausa*) Dilma, eu sempre fui legal contigo. A Célia só te sacaneia. Tu tá nessa fria por causa dela. Teu filho vai se danar por causa dela. (*Dilma chora*)  
 Giro – Teu filho vai ser veado por causa dela.  
 Dilma – (*Em prantos*) Eu não sei! Não sei! Se tu diz que sabe, por que tu quer saber de mim? [...]  
 Giro – Osvaldo, essa vaca tem que saber.  
 (*Osvaldo chega perto de Dilma. Como quem não quer nada, encosta o cigarro aceso nela. Dilma grita de dor.*)  
 Dilma – Ai, ai, filho-da-puta! Nojento! Veado! Filho-da-puta! Ai, pelo amor de Deus!  
 Giro – Espera, Osvaldo. (*Pausa.*) Quem foi, Dilminha?  
 Dilma – Não sei! Juro que não sei!  
 Giro – Osvaldo, é contigo mesmo.  
 Dilma – (*Aterrorizada*) Não! Não! Não!  
 Osvaldo – Tá apavorada, putana?  
 Dilma – Não sei! Não sei! Não sei!

(*Osvaldo pega um alicate e vai apertando o seio de Dilma.*) (2003. p. 224).

Osvaldo e Giro estão envolvidos em um jogo que de sadismo e má-fé, como podemos observar acima. Ambos se alimentam da submissão e do sofrimento das prostitutas. Elas, por sua vez, entram no jogo de súplica e aceitação. Tudo se dá através da relação com o Outro, do esforço para encarnar esse Outro<sup>17</sup> através da violência. Sobre a súplica, Caprio diz:

A súplica nasce do sentimento de total impotência de si diante da infinita potência do outro, podendo se endereçar a Deus ou ao homem. O suplicante não olha o olhar por ser este a pura liberdade do outro, de maneira que se suspende em tal liberdade. E a relação original ocorre como uma liberdade absoluta. Assim sendo, a súplica é aceitação, na medida em que reconhece uma liberdade operante e a sua operação. No momento em que não se está de acordo com tal liberdade, não se pode suplicar, ou se suplica de má-fé. [...]

<sup>15</sup> MARCOS. Plínio. Melhor Teatro – Plínio Marcos. Seleção e Prefácio de Ilka Marinho Zanotto. São Paulo: Global, 2003. [Coleção Melhor Teatro]. p. 220.

<sup>16</sup> Id Ibdem p. 220.

<sup>17</sup> SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 496.

Dessa maneira, o sujeito que suplica para não ser agredido. [...] Aceita-se a sua ordem e seus fins (SARTRE, *apud* CAPRIO, 2005. p. 150).

Às prostitutas resta a busca por fantasias como a vontade de ter uma vida normal - que nunca serão realizadas-, pois convivem com a supressão de seus sonhos e desejos. Ambas as personagens criam expectativa com o amor. Dilma espelha e espera esse amor no filho, acreditando que quando o garoto crescer valorizará todo o seu esforço e cuidará dela quando se tornar adulto; “Só aguento essa viração pelo meu filho. Vale a pena a dureza que eu encaro por ele. Um dia, eu e ele mudamos a sorte. Daí eu vou poder ser gente. Ter gente por mim.”<sup>18</sup> Lizzie, por outro lado, espelha esse amor no reconhecimento da “mãe” do assassino, por não ter testemunhado contra seu filho: “Ela perguntou como eu era? Ela acha que sou uma boa moça?”<sup>19</sup>

Voltaremos nosso olhar para as prostitutas, focando as personagens Dilma e Lizzie. Tanto em *O Abajur Lilás* como em *A prostituta Respeitosa* podemos observar aspectos relacionados à moral e à ética ligados às personagens. Se considerarmos a moral como o conjunto de crenças, costumes, normas e boa conduta social e, por conseguinte, a ética como o “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”<sup>20</sup>, poderíamos considerar que existe uma inversão de valores morais e éticos, pois as prostitutas, que por essa perspectiva seriam consideradas imorais, são éticas, uma vez que, no caso de Dilma, não entrega a companheira de quarto, mesmo que isso lhe custe a vida ou a supressão de algo precioso, além de apresentar outros comportamentos que comprovem isso na personagem:

Dilma – Não sei, Giro. Só sei do meu filho. Meu negócio é com ele. Eu não quero me sujar. Eu sou puta, mas eu sou limpa. [...] (2003. p. 223)

Dilma – Vá pra puta que te pariu! Não sou cagueta. [...] (2003. p. 199)

Dilma – Uma puta nojenta e sem calça. Sou mulher da vida, mas tenho moral. Comigo é aqui. Se o freguês quiser outros babados, mando falar com tu mesmo, que é bicha.

Giro – Manda mesmo. Mas teu mal é esse. Se é puta, se dane. Seja puta até o fim. Que merda de moral é essa tua? Encara tudo com chiquê. Para fazer papai-e-mamãe, os homens fazem na cama deles. Para isso tem a esposa.

Dilma – tudo bando de sem-vergonha. (2003. p. 182-183)

<sup>18</sup> MARCOS. Plínio. Melhor Teatro – Plínio Marcos. Seleção e Prefácio de Ilka Marinho Zanotto. São Paulo: Global, 2003. [Coleção Melhor Teatro]. p. 217.

<sup>19</sup> SARTRE, Jean-Paul. *A prostituta respeitosa: 1905-1980*. Tradução de Maria Lúcia Pereira: Editora Papirus. 2ªed. 2004. p. 113.

<sup>20</sup> MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

Lizzie não concorda em assinar o documento para incriminar o negro, apesar de acabar cedendo após ser induzida pelo senador a assinar, achando que faria o bem agindo desta forma, conduta que caracteriza a má-fé da personagem.

John<sup>21</sup> - [...] O juiz concorda em soltar Thomas se tiver seu testemunho por escrito. Nós o redigimos para você, e é só você assinar. Amanhã, você será interrogada regularmente. Sabe ler? (*Lizzie dá de ombros, ele lhe estende um papel.*) Leia e assine.

Lizzie – Isso é falso, do começo ao fim.

John – Pode ser. E daí?

Lizzie – Eu não vou assinar. [...]

John – Decida-se. Ou você assina, ou eu te levo para a cadeia.

Lizzie – Prefiro a cadeia. Não quero mentir.

Para Sartre, o conceito de moral e ética se diferencia dos conceitos que acabamos de citar. Segundo o autor, o homem inventa seus próprios valores através de sua liberdade, se contrapondo ao que é universalmente imposto por padrões sociais. Então, a autonomia dada ao homem pela sua liberdade esconde o caráter da alteridade. Sobre o tema, Neide Coelho diz:

É pela liberdade humana que os valores vêm ao mundo: o homem inventa os seus próprios valores. Não há, a priori, valores inscritos num céu inteligível, não há um imperativo categórico universalmente válido, nem uma lei ética geral que determine as suas escolhas. O que há é a decisão humana de criá-los. Na sua liberdade de escolha, portanto, reside o único fundamento no qual o homem pode se apegar. Não faz sentido para Sartre, o que os moralistas nomeiam como “valores universalmente válidos e logicamente necessários”. É ele que escolhe seus próprios valores. Com isso, Sartre abre a assustadora possibilidade de uma moral variável.<sup>22</sup>

Dessa forma, podemos perceber que a moral para Dilma e Lizzie é inventada, por mais que elas acreditem enquadrar-se nos padrões do que entendemos como moral, as personagens reinventam seus próprios padrões e valores através de sua liberdade. Estes fatores podem ser observados no comportamento de Lizzie quando passa a acreditar, depois das conversas com o senador, que teria tomado a atitude certa e moral ao assinar o documento, já que o negro não era “importante socialmente”<sup>23</sup> e o senador tinha oferecido algo em troca que para ela seria

<sup>21</sup> O policial (*A Prostituta Respeitosa*)

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://www.paradigmas.com.br/parad13/p13.7.htm>>

<sup>23</sup> Senador – Estou falando em nome dela. (*Retomando*) “Lizzie, para que serve o negro que você está protegendo? Ele nasceu ao acaso, sabe Deus onde. Eu o alimentei, e o que é que ele me dá em troca? Absolutamente nada, ele vai tocando a vida, furta, canta, compra ternos rosa e verde. É meu filho e eu o amo



muito glorificante: o amor, que na obra está representado no reconhecimento da possível mãe de Thomas, o assassino:

Senador – Então você deve assinar. Aqui está a minha caneta.

Lizzie - O senhor acha que ela vai ficar satisfeita comigo?

Senador – Quem?

Lizzie – A sua irmã.

Senador – Ela vai amá-la como uma filha. (2004. p. 102)

Lizzie assina o papel, mas logo em seguida se arrepende pedindo ao senador que o rasgue e se questionando se fez a coisa certa. No fim da peça, o senador diz a Lizzie: “Eu lhe agradeço, minha filha. Vamos conversar um pouquinho, só nós dois. Você está passando por uma crise moral e precisa do meu apoio”.<sup>24</sup> Dilma, por sua vez, tem sua moral ligada ao filho. A personagem justifica, em dado momento, que antes do filho levava a vida de outra forma: “Chega um tempo que tu fode a cuca. A gente tem que ter um troço pra se agarrar. Eu sei. Se eu não tivesse meu filho, já tinha feito um monte de besteiras. Eu era desse jeito antes de ter ele”. Os conflitos internos e externos criados pelas personagens acerca da moral e ética são explicados por Sartre. Neide Coelho traz em sua tese as diferenças entre os dois aspectos da atividade moral.

Deste ponto de vista, a atividade moral apresenta, segundo Sartre, dois aspectos: um aspecto relativo que supõe o homem-no-mundo, em situação e um aspecto absoluto que tem origem no próprio homem, e que diz respeito às decisões por ele tomadas em sua relação com o outro em função de sua situação. O absoluto surge, portanto como produto do relativo, e não ao contrário. É pela situação que o homem escolhe o absoluto que vai direcionar a sua escolha. Não há valores prescritos, nem receitas pré-determinadas. A cada momento e em cada situação ele inventa suas soluções e decide, pela sua liberdade, o caminho a seguir, tornando-se, assim, o único responsável pelas decisões escolhidas. E é essa responsabilidade que Sartre coloca em questão em sua conceituação filosófica.<sup>25</sup>

Dessa maneira, podemos inferir que as personagens são influenciadas por fatores externos e por fatores internos, quando entram em contato com sua consciência, mas o que

---

igual a meus outros filhos. Mas pergunto a você: ele leva a vida de homem? Eu nem sequer perceberia a sua morte. (2004, p. 98-100)

<sup>24</sup> SARTRE, Jean-Paul. *A prostituta respeitosa: 1905-1980*. Tradução de Maria Lúcia Pereira: Editora Papirus. 2ªed. 2004. p. 118.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.paradigmas.com.br/parad13/p13.7.htm>>

determina de fato seus valores é a situação e o outro. Assim, temos nas duas obras analisadas personagens que negam o outro de alguma forma, ao mesmo tempo em que inserem o mal no outro. Todos eles estão por si, são solitários, engoliram sua própria particularidade dentro do sistema opressor.

O objetivo do trabalho foi analisar as obras e os autores, que aparentemente nos mostram ser díspares, mas que muito tem em comum, como foi apresentado, tanto em questões históricas, culturais e políticas, quanto na degradação dos personagens, nos conflitos gerado entre eles, na violência e na equivalência que apresentam em ambas as obras.

Acerca da análise de todos esses comportamentos, concluímos que os personagens estão envolvidos em um processo circular do ser-que-olha e do ser-que-é-visto; o que é frustrante para os mesmos, e talvez seja refletido na forma violenta em que agem uns com os outros, e não importa qual seja o comportamento tomado diante do outro, eles estão condenados pela própria liberdade a permanecerem nesse círculo.

#### Referências Bibliográficas

BARROS, Helciclever. *Navalha na carne entre quatro paredes: imagens espetaculares e infernais*. 2012. 224f. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade de Brasília – UNB. Instituto de Letras. 2012. p. 14.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 52.

CAPRIO, Fabio. *Consequências morais do conceito de má-fé em Jean-Paul Sartre*. 2005. 243f. Dissertação (Mestrado em filosofia). PUC-RG. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2005. p. 158.

MARCOS, Plínio. *Melhor Teatro – Plínio Marcos*. Seleção e Prefácio de Ilka Marinho Zanotto. São Paulo: Global, 2003. [Coleção Melhor Teatro]. p. 217.

MOTTA, Nair de Souza. *Ética e vida profissional*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. *A prostituta respeitosa: 1905-1980*. Tradução de Maria Lúcia Pereira: Editora Papirus.

SARTRE, Jean Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 496.

VIEIRA, Paulo. *Plínio Marcos: A flor e o mal*. Rio de Janeiro: Editora Forno. 1994.

#### Sites consultados

[http://www.bdttd.ufu.br/tde\\_arquivos/16/TDE-2009-09-21T113103Z1675/Publico/dis.pdf#page=129](http://www.bdttd.ufu.br/tde_arquivos/16/TDE-2009-09-21T113103Z1675/Publico/dis.pdf#page=129). Acesso em: 18 fev. 2013.

[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab\\_completo\\_133.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_133.pdf). Acesso em: 21 fev. 2013.

<http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume8/PlinioMarcosUmMalDitoDramaturgoIntelectualBrasileiro.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

<http://www.paradigmas.com.br/parad13/p13.7.htm>. Acesso em: 14 mar. 2013.

<https://journals.ku.edu/index.php/latr/article/view/81/56>. Acesso em: 17 mar. 2013.

<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/498/424>. Acesso em: 18 mar. 2013.